

DIREITOS HUMANOS

CUIDADOR



GIV - Grupo de Incentivo à Vida

Somos um grupo de ajuda mútua para pessoas com sorologia positiva ao HIV. Não temos finalidades lucrativas e somos destituídos de quaisquer preconceitos e/ou vinculações da natureza político-partidário ou religiosa.

Nossa missão é propiciar melhores alternativas de qualidade de vida tanto no âmbito social como da saúde física e mental a toda pessoa portadora do HIV/AIDS.

O QUE FAZEMOS

Apoio Psicológico Individual e em Grupo • Ativismo, Cidadania e Controle Social • Cursos e Workshops • Departamentos Cultural e Social • Espaço Recreativo e Confraternizações • Grupo de Jovens • Grupo de Adesão • Grupo de Mulheres • Grupo Somos (gays) • Grupo de Vivência e Ajuda Mútua • Luta pelos direitos e contra o preconceito • Palestras e Oficinas • Prevenção Positiva • Publicações e Informativos • Trabalhos de Prevenção • Terapias alternativas

Projeto Vivência e Convivência com HIV/AIDS

O QUE É O PROJETO CUIDADOR SOLIDÁRIO?

O Projeto Cuidador Solidário é um serviço de atendimento pessoal oferecido nos Centros de Referência, realizado por Cuidadores treinados e supervisionados e tem como objetivo oferecer suporte psicossocial às pessoas vivendo com HIV/AIDS.


Nossa meta é promover o fortalecimento mental, social e emocional, impactando positivamente na

adesão ao tratamento anti-retroviral, no aumento da auto-estima e do convívio social.

Os Cuidadores são supervisionados semanalmente por uma Psicóloga e tem acompanhamento direto da Coordenação visando orientá-los na melhor condução do processo junto as pessoas atendidas.

Este Projeto é financiado pelo Programa Municipal DST/AIDS de São Paulo.

ATENDIMENTOS FEITOS PELO CUIDADOR:

- Aconselhamentos e encaminhamentos diversos (a profissionais da saúde, advogados, ONGs, etc);
- Informações e atualização sobre as questões do HIV/AIDS;
- Acompanhamento em consultas e exames;
- Visitas a internação;
- Atendimento domiciliar;
- Orientação quanto a importância da adesão ao tratamento anti-retroviral;
- Dicas de cursos de atualização profissional e integração social;
- Orientação quanto aos direitos e deveres como cidadão(ãs);
- Encaminhamentos a grupos de ajuda-mútua;
- Orientação quanto aos direitos da mulher à reprodução;
- Promoção da re-integração social;
- Orientação aos aspectos ligados a sexualidade e afetividade;
- Ações rotineiras tais como (pagamento de contas, entrada com o pedido de aposentadoria, entre outros);
- Ser um facilitador dentro dos Centros de Referência para o atendimento das pessoas vivendo com HIV/AIDS. 

PARTICIPAR DO PROJETO CUIDADOR SOLIDÁRIO

Fui convidado em 2005 a participar do Projeto Cuidador Solidário pelas experiências anteriores vividas desde 1984, na ajuda prática e emocional aos portadores do HIV, tendo iniciado dando apoio a alguns amigos.

Época difícil, pois não havia tratamentos adequados, perdendo muitos desses amigos e, ao mesmo tempo, vendo-me envolvido com pessoas que acabara de conhecer e cuja necessidade estimulou-me a dar continuidade nesta modesta ajuda.

Muitas vezes, sentia-me fraco e não sabia como lidar com certas situações porque acreditava que era "obrigação" minha estimular o portador a tomar a medicação, aceitar o atendimento médico ou viver de forma estável, esquecendo que o mesmo tinha direito a escolher o que era melhor para si naquele momento.

Ao conhecer o Projeto, participei de treinamento que elucidou a conduta a ser tomada nas diversas situações, bem como aprender a lidar com perdas, tanto físicas quanto verbais, pois às vezes o portador se recusa a receber um estímulo de sobrevivência.

Com a supervisão semanal, liderada por Psicólogo e pelo Coordenador do Projeto, tive a oportunidade de trazer à pauta os casos mais complicados para esclarecimento e elucidação de conduta e orientação, tanto terapêutica, como legal aos portadores, pois contamos com a Instituição GIV nas publicações, literaturas e experiências dos membros associados necessárias para tal fato.

Após cinco anos atuando no CRT – Santa Cruz, junto ao Programa Estadual de DST/AIDS, percebo o reconhecimento dos portadores de HIV/Aids na gratidão pelos esclarecimentos realizados, na busca e aproximação dos mesmos quando sentem necessidade de diálogo ou orientação, no reconhecimento dos profissionais de saúde com nossa atuação positiva junto aos portadores minimizando o *stress* em sua estadia naquela Unidade de Saúde.


Percebo a importância desse trabalho em casos específicos que acompanho desde o início de minha atuação, onde o portador sente necessidade de acompanhamento e nos dá total

credibilidade, podendo citar um portador de transmissão vertical que no passado já esteve envolvido com drogas, causando problemas de relacionamento familiar, perdendo parcialmente a visão por falha terapêutica, passando por várias oportunidades e que agora sente-se bem, nos ouvindo e nos procurando diante de qualquer necessidade, sentindo-se estimulado a viver e conviver com o HIV, graças a nossa intervenção.

Outro caso em que o portador, recém diagnosticado, já apresentando Sarcoma de Káposi, com sérios comprometimentos em órgãos internos e externos, lutou violentamente no combate a esta oportunista, estimulado por mim e com apoio dos Infectologistas onde trabalhamos em perfeita parceria, mas que lamentavelmente foi vencido pela oportunista, deixando-me muito triste e com sentimento de incapacidade de atuação, e nesse momento pude contar com a Supervisão Psicológica do Projeto que ajudou-me enfaticamente a superar esta perda, elucidando o envolvimento do Cuidador com o Portador, sem questionamentos sobre o envolvimento emocional que muitas vezes aparece involuntariamente.



Esclareço que existem situações em que o portador não quer dividir ou ouvir sobre o problema, causando-me uma sensação desagradável de incapacidade de abordagem, mas que aprendi pela Supervisão e Coordenação a lidar com esta sensação de perda ou incapacidade, principalmente porque, em várias situações, os mesmos acabaram me procurando, após ouvirem sobre o trabalho realizado, desculpando-se e aceitando minha ajuda.

Enfatizo que esta participação muito tem feito em minha vida promovendo meu crescimento moral e legal no aprendizado em como lidar com o elemento humano, mostrando-me a real importância na continuidade deste Projeto. 

LUIZ BOCCIA

EU E O "PROJETO CUIDADOR SOLIDÁRIO"

Eu, Flávio, faço parte do Projeto Cuidador desde sempre, fui aprovado na primeira seleção para formar a equipe e estou nele até hoje, e isso é algo que me deixa muito satisfeito.

Todos nós tínhamos lugares definidos para começar o nosso trabalho, mas o local onde eu iria trabalhar declinou da aceitação da nossa proposta, fiquei em compasso de espera até que se encontrasse outro local, mas justamente nesse período um dos Cuidadores que estava no Ambulatório Casa da Aids se desligou do Projeto.

Eu assumi então este local, "chegou a hora de começar", foi um início tão esperado, mas ao mesmo tempo gerava uma certa insegurança, e eu me questionava se daria conta de um trabalho que me faria entrar em contato com uma gama enorme de dificuldades que poderiam vir de mim, das pessoas que se tratavam lá, e dos funcionários do local.

Essa insegurança durou pouco, fui recebido muito bem por todos, isso me ajudou a lidar com

as questões que surgiam de uma forma mais tranquila, e a entender que, num primeiro momento, o mais importante era poder ouvir, estar próximo, e que a teoria poderia vir num segundo momento, porque o foco estava em como cada pessoa lida com a sua vida enquanto portador do HIV/Aids.

Quando comecei a trabalhar na "Casa da Aids", eu fazia o período da manhã, então tive a possibilidade de acompanhar algumas pessoas que precisavam de acompanhamento externo, e passo agora a relatar uma dessas situações onde pude perceber a importância de nosso trabalho.

– Fui chamado pelo pessoal do Serviço Social, e consultado sobre a possibilidade de acompanhar uma pessoa que estava internada num Hospital Psiquiátrico para que a mesma viesse a fazer coleta de exames, passar em consulta, e retirar medicação, pois essa pessoa não tinha ninguém para acompanhá-la, e, se isso não fosse feito, ela não poderia dar continuidade ao seu tratamento do HIV.

Aceitei fazer esse acompanhamento, e essa conduta repetiu-se outras vezes que se fizeram necessárias, eu ia buscar a pessoa bem cedo, levava para fazer a coleta, passava em consulta, retirava a medicação, separava tudo, levava a pessoa de volta para o Hospital, e orientava os profissionais sobre a forma de conduzir seu tratamento mesmo ela estando internada.

Tive a oportunidade de encontrar com essa pessoa em outros momentos em que não estava internada, e ela ia sozinha às consultas. Desse modo, verifiquei que o trabalho feito tinha sido muito importante, e essa foi a primeira, mas não a última, situação em que as pessoas atendidas me procuravam para dar um retorno de como estavam lidando com as suas vidas, elas sabiam que havia alguém que estava ali não para julgá-las, ou dar fórmulas mágicas, mas para orientá-las e estar próximo delas.

Outra situação que demanda uma grande atenção de nós Cuidadores é a da pessoa que acabou de pegar o resultado positivo para HIV, o estado emocional dessas pessoas, geralmente está muito abalado, diversas dúvidas, muito medo da rejeição, e a percepção


de que, naquele momento, muitas palavras nem sempre são importantes, e acolher, permitir o desabafo, e, muitas vezes, calar-se e dar um abraço é a melhor forma de se iniciar esse novo processo na vida dessas pessoas.

Lidar com a mulher que tem o diagnóstico na gestação, com a pessoa que só entra em contato com o HIV quando o companheiro fica doente, ou vai a óbito, o diagnóstico na terceira idade, estas são apenas algumas situações que enfrentamos no nosso dia a dia no trabalho de Cuidadores, e falar sobre o que vem pela frente, e especialmente sobre a importância da Adesão aos ARV é uma tarefa árdua nesses momentos de fragilidade.

Aproveito agora para relatar outro caso em que pude constatar a mudança na forma de pensar e agir de uma pessoa atendida por mim: um homem com mais de 50 anos, que não havia contado para ninguém sobre a sorologia positiva para o HIV, com CD4 de 4, com várias complicações na saúde, sem adesão, sentindo-se desmotivado para viver, mas que, durante uma conversa, contou-me que a nora estava grávida, este fato foi a chave para se trabalhar a motivação para viver.

Nos encontramos várias vezes e em cada uma delas pude perceber a mudança, até que ele manifestou a importância de ver o neto nascer, seu quadro clínico melhorava visivelmente, e quando o neto nasceu ele já estava muito bem e feliz com o nascimento do “garotão”, e se preparando para acompanhar o crescimento da criança.

São fatos como este que relatei que fazem com que nós Cuidadores tenhamos a certeza da importância deste trabalho, mas para que ele tenha seguido este caminho não posso pensar só no que fiz, mas em todas as pessoas que estão envolvidas, a troca com os outros Cuidadores da equipe, a confiança e apoio da Coordenação e Supervisão do Projeto, a estrutura do GIV, tudo isso está incluído no resultado de nosso trabalho.

Estou no Projeto até hoje, e digo que não foi somente um trabalho proveitoso para as pessoas atendidas, mudanças também aconteceram em mim, e tenho certeza que toda essa vivência não será utilizada exclusivamente no Projeto, mas na minha vida, porque uma vez “Cuidador”, para sempre “Cuidador”. 

Flávio Lopes Coutinho

Expediente

Organização:

Hugo Hagstrom
Vitória M. Botas

Colaboração:

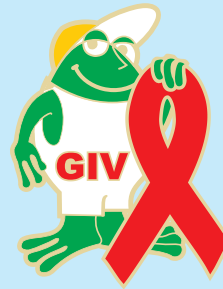
Edson Ferreira

Revisão:

João Casanova

Publicação GIV

Tiragem 3 mil exemplares



GIV – Grupo de Incentivo à Vida

Rua Capitão Cavalcanti 145
V. Mariana – CEP 04017-000
São Paulo – SP

Qualquer doação pode ser feita

no Bradesco

Ag. Santa Cecília 093-0

C/c 076095-1

Fundado em 08/02/1990

Por José Roberto Peruzzo

○ GIV é uma ONG, sem fins lucrativos
e de utilidade pública municipal,
estadual e federal

"CUIDADOR SOLIDÁRIO: O DESAFIO DE NÃO DITAR REGRAS"

Há oito anos, diante dos depoimentos de usuários dos serviços municipais e da própria observação dos profissionais do GIV em relação aos seus membros, nascia o projeto "Cuidador Solidário". O principal objetivo, e presente atualmente, era o de promover o fortalecimento mental, social e emocional, impactando positivamente na adesão ao tratamento anti-retroviral, na melhora da auto-estima e do convívio social. Sobretudo, visando à adesão à vida como um todo.

Desde o início, esse projeto demonstrou-se ambicioso, especialmente, no que se refere a atuar junto ao público atendido de forma a não ditar regras ou estabelecer condutas, visto que essas, invariavelmente, tendem a incorporar em seu processo um olhar carregado de valores pessoais e julgamentos. Transpor esse primeiro desafio só se tornou possível mediante o entendimento de que cada pessoa detém o direito de reconhecer o mundo segundo os valores, conceitos e idéias dela, pois esses compõem a sua história. Nesse sentido, a intervenção de nossa equipe de "Cuidadores" e profissionais procura atuar em

alguns momentos de maneira concreta e, em outros, de forma abstrata, fornecendo informações e elementos para que cada indivíduo possa, em última instância, contrapor, rever, repensar valores e transformar atitudes.

Uma possível leitura de que o projeto "Cuidador Solidário" possui uma meta pretensiosa desfaz-se justamente quando percebemos as transformações ocorridas nas vidas das pessoas atendidas pelo projeto, ou seja, quando essas pessoas passam a entender suas capacidades e limitações, seus papéis no mundo e, principalmente, em suas próprias vidas, quando deixam de ser coadjuvantes e passam a ser atores, quando reconhecem as conseqüências de suas ações e as suas responsabilidades.

Evidentemente, nem sempre os caminhos escolhidos pelas pessoas atendidas parecem, segundo a nossa experiência, serem os mais tranquilos. Nessas horas, nos valem do aspecto contínuo de nosso trabalho, que se estabelece com um mínimo de doze horas semanais nos centros de referência. Essa característica nos permite acompanhar uma mesma pessoa

em outros momentos, oferecer mais informações e esclarecimentos. Na maioria das vezes, essas pessoas revêem suas escolhas e encaram com mais propriedade seus medos, raivas, preconceitos, vergonha, pré-julgamentos, dentre outros sentimentos que permeiam a vida




daqueles que convivem com a sorologia. Um processo doloroso e difícil, mas que ao final resulta em uma nova maneira de encarar suas realidades e construir um processo de adesão, agora não somente à terapia, mas principalmente à vida.

É importante dizer que o sucesso em todo esse processo somente é possível com a atuação de uma equipe de "Cuidadores" absolutamente comprometida com o seu trabalho e com a causa na qual se inserem. Essa equipe é semanalmente treinada e monitorada através de um acompanhamento técnico da supervisão e respaldada por um profissional psicólogo que dentre diversas atividades e argumentações conjuntas, objetiva estruturar o "Cuidador" com elementos que os levam também a despirem-se de seus pré-julgamentos morais e preconceitos, valores e verdades, para que durante as abordagens ajam da maneira o mais imparcial possível, para que tenham a serenidade e sapiência em entender e aceitar as decisões tomadas pelas pessoas, mesmo quando concluem que aquela não seja a melhor escolha segundo seus entendimentos.

Os resultados obtidos com o "Projeto Cuidador Solidário" muito nos alegra e estimula. Temos a certeza da importância de nossos trabalhos e o quanto esse projeto tem impactado positivamente na vida das pessoas atendidas. Pa-

ralelamente, soubemos transpor as barreiras e dificuldades das questões intrinsecamente relacionadas à execução das atividades de maneira também positiva. Essas considerações, felizmente, não partem apenas das considerações e observações de nossa equipe, mas, essencialmente, daqueles que em algum momento entram em contato com nossas atividades: as pessoas atendidas pelo Projeto, nos serviços onde atuamos, aprovam o Projeto; os profissionais dos serviços aprovam; o GIV aprova; tanto o Programa Municipal, quanto o Programa Estadual também aprovam. Essas aprovações nos animam e nos sinalizam de que estamos no caminho certo. Por outro lado, diante de tantas aprovações, um paradoxo se estabelece, e consolida-se, talvez, no maior dos desafios. Esse nos aplaca não no desenvolvimento do Projeto, mas na iminência da impossibilidade de sua continuidade, haja vista, as novas normas para financiamento de projetos não contemplarem propostas que sejam compostas “apenas” por recursos humanos, ainda que esses projetos tenham sua eficácia comprovada e aprovada.

Inicialmente, esperamos, que à semelhança de nosso projeto, que objetiva, como dissemos, a possibilidade de cada indivíduo, despedido de pré-julgamentos e preconceitos, contrapor, rever, repensar valo-

res e transformar atitudes; que os responsáveis envolvidos com o desenvolvimento dos quesitos para licitações de projetos, incluam uma rubrica que possibilite a continuidade desse projeto, e outros semelhantes, que atuam principalmente em segmentos onde os serviços de saúde têm dificuldade em chegar. Foge à nossa compreensão as razões que levam os técnicos a desprezarem fatos e história. Na tentativa de alinhar nossos pensamentos e sensibilizá-los naquilo que lhes possa ser importante, dizemos que sim, o “Projeto Cuidador Solidário” verdadeiramente acontece nos serviços de saúde no qual atua, e nós também preenchemos planilhas e tabelas; sim, o “Projeto Cuidador Solidário” acontece nas salas de espera, leitos de hospitais, consultórios médicos e residências, e nós também fazemos a Prestação de Contas; sim, o “Projeto Cuidador Solidário” traz prestígio internacional, como a sua participação na XVI Conferência Internacional de Aids no Canadá, mas reconhece-se principalmente no atendimento a mais de 15 mil pessoas atendidas ao longo de sua história, e sim, o “Projeto Cuidador Solidário” é um projeto majoritariamente formado por Recursos Humanos porque, majoritariamente, é um projeto de pessoas que transforma a vida de pessoas. 


Hugo Hagström
Membro da Equipe

DEPOIMENTO

Equipe do SAE CECI

O projeto "Cuidador Solidário" sempre foi valorizado pelos profissionais do SAE

Ceci, até quando ocorria somente em outros serviços de DST/Aids. Tínhamos a percepção da integração dos usuários com algo que o serviço especializado talvez não transmitisse na totalidade – "o outro lado da mesa", ou seja, o contato com PVHA realizado de forma mais pessoal e humanizada, desprovido de termos técnicos, e abundante em solidariedade responsável.

Desta forma, foi com imenso prazer que recebemos o Projeto Cuidador Solidário neste serviço há quase três anos. A partir de então, tivemos inúmeras experiências positivas que valorizaram o sujeito, seu tratamento e sua adesão à vida com qualidade: conversas individuais e reservadas que propiciaram vínculo; acompanhamento em exames e consultas; momentos reflexivos e espaço para solucionar dúvidas e realizar novos questionamentos. 

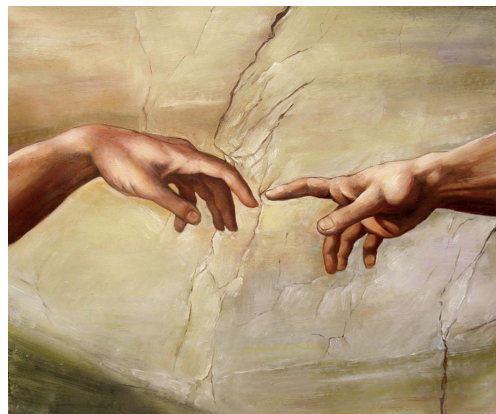
(SAE Ceci)

UMA EXPERIÊNCIA SOLIDÁRIA.

Para mim, usuário do SUS que, como a maioria da população, está mais acostumado em se deparar com dificuldades e respostas que não solucionam, muitas vezes, problemas ou dificuldades simples, foi muito interessante passar por um atendimento de um cuidador do projeto mantido pelo Grupo de Incentivo à Vida. Interessante não por conta da qualidade que o voluntário demonstrou nas informações ou na preocupação com meu bem estar, mas por isso acontecer num local que, nos últimos anos em que me trato da minha infecção por HIV naquele centro, não ter visto nenhuma conduta parecida, senão a de meu infectologista.

Por questões pessoais, me reservo o direito de não citar nomes, nem mencionar locais, pois o mais importante, nesta pequena contribuição que posso dar com meu depoimento, é ressaltar o possível, o humano, o viável, o querer.

Quando soube que os responsáveis pelo projeto (cujo voluntário que me acompanhou para a realização de um exame faz parte) iriam fazer uma publicação e que gostariam de, pelo menos um depoimento de um usuário, eu fiquei curioso, pois pensei que quem




passasse pelos cuidados que eles oferecem deveria estar “na fila” para dizer o quanto é bom ter esse serviço disponível na rede pública. Logo me prontifiquei, mas minha maior preocupação era o da dificuldade em escrever, da forma de expressar o ocorrido. Falar de solidariedade, de cuidado, de pessoas humanas é sempre uma grande oportunidade de estimular a nós e a outras pessoas a valorizarem mais “o que é possível em vez do que não é possível”.

Precisei, há dois anos e meio, se não estou enganado, de um acompanhante para um exame: uma endoscopia. Pensei, sinceramente, em não marcar, pois não tinha muita gente ao meu lado que sabia da minha sorologia, e esse exame é feito no local em que me trato e que é

específico para Aids e DST. Aliás, essa dificuldade já deveria ser prevista pelo Serviço Social e já deveria ter uma solução para casos semelhantes ao meu, que acredito não serem poucos. Enfim, fiquei contando nos dedos quais as pessoas para quem poderia pedir. Como se não bastasse serem poucos aqueles que sabiam que eu era portador do HIV, estes tinham suas vidas com compromissos como qualquer um de nós, e o exame era num horário conflitante com o trabalho de todos eles. Como uma coisa tão simples pode se complicar tanto? O motivo do exame era, dentre muitas, uma suspeita de neoplasia e, se não fizesse, a complicação física e emocional poderia se agravar e muito.

Lembrei-me, então, daquele rapaz que ficava sempre conversando com os pacientes, inclusive os de máscara que estavam internados. Ele já me chamava atenção pela sua maneira simples, sua falta de preconceito com os "mascarados" que todos temiam, seu sorriso constante e, principalmente, por ser uma pessoa que para se locomover encontrava menos facilidade que a maioria de nós, e estava ali, fazendo um trabalho que não sei se eu teria coragem para fazer. Fui falar com ele e a única pergunta que me fez foi: "quando era a data e

horário para que pudesse ver se não tinha outro atendimento, mas não fique preocupado, porque se eu não puder, eu vejo com outro voluntário". Realmente, nessas horas, dá vontade de gravar essa fala e levar para as assistentes sociais ouvirem e perguntar se elas não gostariam de ser assim, humanamente dispostas... Agendamos, fui atendido por ele, que teve o cuidado de manter a conversa em dia, ainda que muitas vezes eu me calava nervoso com tudo: o tubo, a ânsia que aquilo poderia me dar e, o pior, se o resultado fosse ruim. Mas, curiosamente, com a conversa dele eu não me irritava. Ele foi Cuidador Solidário, como o crachá dele dizia, sem nenhum pinga a menos, solidário com minha saúde, com meu nervosismo, com minha sede (eu estava com muita sede...), solidário com meu silêncio, e solidário principalmente por não me perguntar como já haviam feito (de maneira que não sei descrever o "tom irritante"): "Não tem ninguém para te acompanhar? É um exame tão simples! É rápido!". Por fim, obrigado ao "Cuidador Solidário" que por acaso acabou se tornando uma pessoa mais próxima, mais ouvinte de meus desabafos..." e obrigado à ONG que faz esse trabalho! Parabéns a todos! 

Carlos

PROJETO "CUIDADOR SOLIDÁRIO" LINHA DO TEMPO

O Projeto foi escrito em 2004 para participar de licitação da Fundação "Solidarité Sida", ele foi aprovado no mesmo ano, mas a liberação da verba só veio em março de 2005, e as pessoas que escreveram o Projeto tinha recebido propostas de trabalho e não estavam mais na Instituição.

O resultado dessa demora foi que algumas pessoas que somente tinham lido o Projeto – sem participar da elaboração do mesmo – se dispuseram a levar o Trabalho mesmo sem a experiência especificada. Um Coordenador de Atividades Sociais da Instituição e duas Psicólogas enfrentaram os desafios.

Falando em desafios, eles não foram poucos, o primeiro foi o de divulgar a seleção para a equipe de "Cuidadores", em que: como, qual o perfil, o que abordar, quanto tempo de atividades, temas para abordar, devolutivas e treinamento; eram

muitas coisas para quem estava começando, e sem parâmetros a serem seguidos.

Enquanto todas essas coisas eram providenciadas, ainda tinha que se pensar nos locais onde o Projeto iria se desenvolver, em como oferecer nosso trabalho, e enfrentar as dúvidas dos profissionais de Saúde em relação ao nosso papel, porque seria um trabalho de uma Organização Não Governamental dentro do Serviço Público de Saúde.

O oferecimento do Projeto talvez tenha sido a parte mais difícil, alguns locais que já conheciam a história da Instituição, prontamente nos receberam e abraçaram o trabalho, mas, em outros locais, o problema era a ideia de que nós estaríamos lá para interferir e denunciar, com isso recebemos algumas "portas na cara".

Tivemos momentos de frustração tanto na seleção quanto na implementação nos locais de trabalho, algumas pessoas que queriam

participar da seleção e treinamento, apesar de serem avisadas previamente, por se tratar de um Projeto de uma ONG, cultivaram a expectativa de que éramos obrigados a ceder às suas vontades e necessidades, uma vez que não entendiam a necessidade da Instituição de buscar perfis específicos para o desenvolvimento do trabalho.

Quando fizemos as devolutivas do processo de seleção, deparamo-nos com pessoas que ao serem recusadas para o trabalho assumiram as suas deficiências, mas posteriormente tentaram ofender a Instituição e os profissionais envolvidos com a seleção.

É lógico que todos os envolvidos se sensibilizaram com algumas situações, mas infelizmente não podíamos simplesmente selecionar por conta das necessidades de cada um, inclusive, dentro de nossas possibilidades, orientamos algumas dessas pessoas a procurar no Serviço de Saúde uma forma para amenizar seus problemas pessoais.

Depois da seleção, veio o treinamento onde abordamos os temas: Histórico da Aids; Adesão; Sigilo e Privacidade; Valores Morais; Perdas e Luto; Sexualidade. Mesmo depois do treinamento,

percebemos que algumas pessoas precisariam de um acompanhamento maior no início do trabalho, e o maior motivo para isso era que parte dos selecionados também era composta por PVHA, e, provavelmente, se deparariam com os "ESPELHOS".

Com o início do trabalho, caso a caso foram discutidos com a equipe e, conforme nos deparávamos com os conflitos individuais dos "Cuidadores", estes eram trabalhados, pois o nosso foco sempre foi o trabalho com as PVHA, mantendo um contato direto, próximo, esclarecedor, orientador, e informativo, e isso só poderia ser feito se os "Cuidadores" estivessem emocionalmente prontos para enfrentar a demanda.

"Cuidadores" assistidos, o trabalho em andamento e a descoberta de que não poderíamos ter uma única fórmula para desenvolver o trabalho proposto, lidávamos com pessoas, e cada local onde atuávamos era diferente, a rotina do local, o público a ser atendido, os profissionais, essas peculiaridades tiveram que ser também trabalhadas.

Foi um início difícil, não que até hoje não tenhamos dificuldades, porém todos foram se adequando,


se construindo, mas o empenho, a confiança, a dedicação, e a responsabilidade fizeram com que se formasse uma equipe unida, participativa na discussão e condução do Projeto.

No decorrer destes oito anos de Projeto, todos que desenvolvem este trabalho tiveram que enfrentar problemas, foram os desligamentos de pessoas da equipe, a entrada de pessoas novas, o atraso no repasse de verba, a ansiedade por não ter certeza da continuidade do mesmo, e tudo isso foi vivido não só pela Coordenação e Supervisão, mas por todos que de alguma forma direta ou indiretamente faziam parte deste Projeto, inclusive o GIV, e os profissionais dos locais atendidos.

Hoje para deixar mais clara a atuação deste trabalho, repasso o número de atendimentos que fizemos no decorrer destes oito anos, foram mais de 15.000 atendimentos, que vão desde uma simples abordagem para apresentação do Projeto até orientação ou acompanhamento ao Serviços. São acompanhamentos em exames, visitas na internação, orientações às pessoas próximas das PVHA, oferecimento de assessoria jurídica,

acompanhamento psicológico, e todas as demais atividades que acontecem no GIV.

A maioria das pessoas que são responsáveis por acompanhar o trabalho dos nossos Voluntários nos locais onde atuamos, nos traz a importância da continuidade deste Projeto, todos perceberam a mudança positiva de nossa presença, mas como somos uma ONG, dependemos da aprovação para apoio do Projeto para que ele continue, não temos mais a possibilidade de financiamento externo, e os nossos recursos internos estão se esgotando, tudo isso porque o nosso trabalho só conta com a necessidade de RH, e os financiamentos atuais não contemplam esta modalidade de Projeto.

É mais uma dificuldade, mais uma ansiedade, mas o reconhecimento da importância deste trabalho nos faz pensar em adequação, nos motiva a procurar outros caminhos, descobrir novas portas, enfrentar novas lutas, porque todos nós acreditamos que é POSSÍVEL. 

Vitória Maria Moreira Botas

Psicóloga que participa do Projeto "Cuidador Solidário" desde o início, atualmente é Coordenadora e Supervisora do mesmo.